

RESENHA

A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA CAPITALISTA À LUZ DA CRÍTICA
FEMINISTA

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2017. 461p.

Natália Teixeira Rodrigues¹
Wécio Pinheiro Araújo²

Recebido: 08/2019
Aprovado: 11/2019

O interesse contemporâneo pela cultura das bruxas, envolve em grande parte as mulheres ligadas aos movimentos feministas. Tal fenômeno se apresenta pela curiosidade que as mesmas têm de conhecer sua própria história sob uma versão que não seja aquela contada pelo patriarcado e sua matriz ideológica cristã no ocidente. Trata-se de recuperar elementos ancestrais no presente, não apenas no que diz respeito à mitologia dos rituais, magias, uso de ervas, etc.; mas, sobretudo no tocante as formas alternativas de vivenciar politicamente o conteúdo das relações sociais, assim como das mulheres estabelecerem vínculos entre si. Um discurso bem expressivo desse interesse contemporâneo aparece nas centenas de cartazes que tomam as manifestações feministas com o lema “Somos as netas das bruxas que não foram queimadas”.

Nesta direção, a questão fundamental é que a bruxaria, da acordo com a esmerada pesquisa histórica da Silvia Federici, se revela como algo que transcende a mitologia de poções

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba, bolsista Capes, integrante do Setor de Estudos em Cidadania e Teoria Social (SECTS/UFPB/CNPq) e do Grupo de Estudos em Filosofia e Crítica Social (GEFICS/UFPB/CNPq). E-mail: natecoufcg@gmail.com

² Professor de Filosofia Política na Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Filosofia pelo Programa UFPE/UFPB/UFRN, com estudos doutorais na Hochschule für Grafik und Buchkunst/Academy of Fine Arts (HGB/Leipzig/Alemanha) mediante bolsa CAPES/PDSE. E-mail: weciop@hotmail.com O autor mantém um blog no qual escreve mensalmente: <https://wecio.blogspot.com>

e encantamentos estigmatizada pelo imaginário cristão-patriarcal naquela figura de uma mulher velha, feia, voando montada em uma vassoura e portadora de uma risada demoníaca, frequentemente associada ao mal. Ao ler o livro *Calibã e a bruxa*, percebemos que a bruxaria se tratou, na verdade, de um movimento social e político de mulheres, voltado para a construção de um modo de vida e de produção de saber próprios e não mais submisso ao patriarcado. No entanto, a versão da história contada pelos opressores, como já observou Walter Benjamin, sempre tenta apagar a versão dos oprimidos, neste caso, oprimidas.

A autora do livro em tela, Silvia Federici, é uma historiadora italiana que vive desde os anos 1960 nos Estados Unidos da América, onde ganhou destaque ao integrar a *Campanha salário para trabalho doméstico*, tornando-se referência na militância e na produção teórica feminista. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, foi publicado originalmente na língua inglesa em 2004, e só em 2017 temos o livro em língua portuguesa, vertido pelo Coletivo Sycorax e publicado no Brasil pela Editora Elefante. A obra é resultado da profunda inquietação da autora no sentido de nos alertar sobre como a cultura das bruxas passou a ser criminalizada no período de caça às bruxas, ocorrido entre a segunda metade do século XV e a segunda metade do século XVIII. Não por acaso, isto ocorre no mesmo momento em que acontecia a “transição” (termo usado pela autora) do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista. Tal criminalização resultou na perseguição e no extermínio de mais de 100 mil mulheres numa Europa ainda pouco habitada.

As inquietações da autora sobre tal momento de “transição” entre feudalismo e capitalismo, tiveram início ainda na década de 1970, no contexto feminista estadunidense³. Todavia, a questão adquiriu maior relevância quando a mesma foi trabalhar na Nigéria nos anos de 1980, onde observou que elementos similares à acumulação primitiva que Marx descrevera em *O Capital*, voltavam à cena atingindo fundamentalmente as mulheres, uma vez que centenas delas foram vítimas, não só das expropriações das terras que estavam naquele momento sendo privatizadas, mas também sofreram uma intervenção “inspirada no Estado, com o marido como rei e a mulher subordinada à sua vontade, devotada à administração do lar de maneira abnegada” (p. 343) – situação descrita em *Calibã e a bruxa*, e a qual, guardadas as devidas proporções históricas, aquelas mulheres nigerianas estavam sendo submetidas.

Também o controle reprodutivo marcou essa “transição” para o capitalismo, ocasião em

³ Foi neste período que surgiu o grupo intitulado *WITCHES: Women's International Terrorist Conspiracy from Hell* (*Conspiração Terrorista Internacional de Mulheres do Inferno*), no qual mulheres feministas saíram vestidas de bruxas pelas ruas de Chicago soltando “feitiços” sobre os homens com comportamentos machistas. O documentário *She's Beautiful when she's angry* (2014) retrata um pouco da história deste movimento.

que os corpos passam a ser disciplinados pela Inquisição que, como ressalta Federici, “sempre dependeu da cooperação do Estado para levar adiante as execuções, já que o clero queria evitar a vergonha do derramamento de sangue.” (p. 302). Como defende a autora, “o contexto deste livro significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas.” (p. 27).

É diante desse cenário que Federici se volta para o estudo da chamada “transição para o capitalismo”, a qual, conforme defende a autora, não se trata de algo que ficou para trás, mas de um *modus operandi* ao qual o capitalismo, não raro, recorre, sobretudo em momentos de crise. Como feminista, ela se interessa em explicar como o fenômeno da caça às bruxas foi um fato histórico e político, e que continua a reverberar na conjuntura hodierna, sendo inclusive reeditado sob novas formas sociais.

O livro é constituído de cinco capítulos. De início é importante salientar que o título *Calibã e a bruxa* é inspirado na peça *A tempestade*, de Shakespeare, a qual, na interpretação da autora,

Calibã não apenas representa o rebelde anticolonial cuja luta ressoa na literatura caribenha contemporânea, mas também é um símbolo para o proletariado mundial e, mais especificamente, para o corpo proletário como terreno e instrumento de resistência à lógica do capitalismo. Mais importante ainda, a figura da bruxa, que em *A tempestade* fica relegada a segundo plano, neste livro situa-se no centro da cena (p. 23).

Será, portanto, centrada na figura da bruxa, que Federici desenvolverá toda a obra. Para compreender quem foram as bruxas e os motivos pelos quais as mesmas foram sumariamente perseguidas, torturadas e queimadas, a autora partiu da compreensão das relações sociais no modo de produção feudal, momento este que antecedeu as perseguições as mulheres que possuíam um modo de vida que não mais condizia com a realidade capitalista que ascendia no período da acumulação primitiva, analisado por Marx.

No capítulo 1, *O mundo precisa de uma sacudida*, Federici nos apresenta uma caracterização do modo de produção feudal a partir de uma leitura da “transição” sob “o ponto de vista da luta antifeudal na Idade Média” (p. 46). Para ela, tal leitura “nos ajuda também a reconstruir as dinâmicas sociais que subjaziam no fundo dos cercamentos ingleses e da conquista da América” (Ibid, loc. cit.). O olhar arguto da autora nos permite compreender o mundo feudal não como um mundo estático, como é de costume na historiografia tradicional.

Ao contrário, Federici nos apresenta um mundo repleto de conflitos, mudanças, embates e disputas de poder entre as classes sociais da época – basicamente Igreja, senhores feudais e servos.

Diante de fenômenos como a peste negra – analisada em minúcias no tocante aos seus significado e impacto sociais –, que contribuiu para agravar ainda mais os conflitos entre as classes sociais, uma tentativa apresentada para acalmar os produtores que se rebelavam foi a substituição de serviços laborais por pagamento em dinheiro. Como destaca Federici (p. 60), “a substituição funcionou como um meio de divisão social e contribuiu para a desintegração da aldeia feudal”. Foi neste contexto que o avanço das forças produtivas no interior do modo de produção feudal originou excedente para além daquele consumido pela classe dominante, permitindo assim o desenvolvimento do comércio e exigindo a dissolução da servidão autossuficiente. Tal substituição acabou por dividir os camponeses. De um lado, uma pequena parcela de camponeses, com a posse de grandes extensões de terra, passou a empregar outros trabalhadores, garantindo assim sua independência econômica, pois os senhores feudais já não possuíam mais o mesmo poder sobre os arrendatários; por outro, aqueles setores dos camponeses, geralmente os mais pobres e com pouca terra, endividaram-se, pois, com o sistema de pagamento em dinheiro ascendendo, aquilo a que antes eles tinham acesso, como terras e ferramentas, foi-lhes subtraído, e aqueles camponeses tiveram que começar a pagar em dinheiro pelo uso das terras e ferramentas, provocando, em muitos casos, alto endividamento.

Isso resultou em uma pauperização gigantesca dos produtores, formando assim, uma massa de trabalhadores vulneráveis à exploração no ambiente do regime em ascensão. Com o processo de pagamentos em dinheiro, juntamente com as expropriações de terras e os cercamentos (*enclosures*), segundo Federici, estava se constituindo a protoforma da classe que mais tarde se convencionou chamar pela literatura marxista de proletariado⁴.

As consequências dessa mudança na forma de pagamento foram nefastas, pois instauraram o regime de alienação/estranhamento do qual passou a ser vítima o trabalhador, de modo que ele não mais se reconheceria no produto do seu trabalho. O desdobramento deste processo afetou em cheio a vida das mulheres, que já viviam sob um julgo patriarcal:

A crescente comercialização da vida reduziu ainda mais seu acesso à propriedade e seu ingresso. Nas cidades comerciais italianas, as mulheres perderam seu direito de herdar um terço da propriedade de seu marido. Nas

⁴ Entende-se proletariado aqui a classe destituída de tudo, restando apenas a força de trabalho para vender e que será consolidada com a formação do capitalismo Industrial na segunda metade do século XVIII.

áreas rurais, foram excluídas da posse da terra, especialmente quando eram solteiras ou viúvas. Como consequência, encabeçaram o movimento de êxodo do campo, sendo as mais numerosas entre os imigrantes rurais das cidades [...] e, no século XV, constituíam uma alta porcentagem da população das cidades. Aqui, a maioria vivia em condições de pobreza, fazendo trabalhos mal pagos como servas, vendedoras ambulantes, comerciantes (com frequência multadas por não terem licença), andeiras, membros de guildas menores e prostitutas (p. 63).

Neste contexto, uma forma de acalantar os ânimos dos trabalhadores foi a “institucionalização da prostituição” (p.105) implementada por toda a Europa. Não somente os salários das prostitutas foram elevados, mas a prostituição em si passou a ser considerada “um remédio contra a homossexualidade” (Ibid. loc. cit.).

No capítulo 2, *A acumulação do trabalho e a degradação das mulheres*, Federici inicia com a caracterização feita por Marx em *O Capital* sobre a acumulação primitiva. Não obstante, ela vai além da análise marxiana, pois enfrenta questões como o fato de que as mulheres foram duplamente expropriadas – questão sobre a qual Marx não se debruça –, a saber: primeiro, retiradas forçadamente das terras em que viviam e trabalhavam; depois, expropriadas de decidir sobre os seus próprios corpos, pois o Estado passou a criminalizar práticas não apenas não reprodutivas, como a sodomia e o lesbianismo, mas também o aborto e práticas de controle de natalidade, transformando assim, o corpo da mulher em verdadeiras máquinas de reprodução de força de trabalho. As transgressoras, chamadas de “bruxas”, tiveram entre nas condenações mais frequentes, sobretudo a partir dos XVI e XVII, a execução por “infanticídio”.

Além disto, em sua pesquisa Federici demonstra que o desenvolvimento do capitalismo institucionalizou a divisão dentro da classe trabalhadora em hierarquias de classe, raça e gênero. Nos cercamentos, por exemplo, foram as mulheres as mais prejudicadas, pois, com a desintegração da vida comunitária que marcou a Idade Média, elas passaram a encontrar muito mais dificuldades para se sustentar, uma vez que, ao lado da misoginia, que crescia neste período, as mulheres tinham a mobilidade reduzida devido à gravidez e ao cuidado dos filhos, e isto significou uma probabilidade muito maior de se tornarem “vagabundas”, prostitutas ou trabalhadoras migrantes expostas às piores atrocidades da civilização emergente.

As mulheres pobres, principalmente as idosas⁵, as parteiras⁶, e as prostitutas, foram as

⁵ A sabedoria das idosas incluía métodos contraceptivos que consistiam em porções, ervas, supositórios vaginais, todos estes, usados para estimular a menstruação, ou mesmo para provocar um aborto.

⁶ É importante frisar que as parteiras tinham papéis fundamentais da Idade Média, pois as mesmas detinham conhecimentos sobre a procriação que ninguém mais tinha, de modo que eram respeitadas por todos, sejam homens ou mulheres. Agora, com o advento desse novo modo de vida, as mesmas passaram a ser perseguidas, tidas como bruxas e substituídas por homens.

mais criminalizadas. Mulheres estas que tinham um modo de vida que não mais condizia com a gênese do capitalismo, como observa a autora:

O resultado destas políticas, que duraram duzentos anos (as mulheres continuavam sendo executadas na Europa por infanticídio no final do século XVIII), foi a escravização das mulheres à procriação. Enquanto na Idade Média elas podiam usar métodos contraceptivos e haviam exercido um controle indiscutível sobre o parto, a partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista” (p. 178).

Neste ponto do livro, Federici explicita sua crítica a Marx que, segundo ela, considerava a procriação como um fato puramente biológico ou uma atividade que respondesse automaticamente à mudança econômica. De acordo com *Calibã e a bruxa*, Marx não levou em consideração o fato de que as mulheres pudessem em algum momento entrar em “greve contra a produção de crianças” (p. 179). A autora mergulha fundo naquilo que Marx deixou passar e não questionou: por que a procriação é encarada unicamente como fato biológico e natural, e não como uma atividade historicamente determinada e socialmente condicionada, carregada de interesses econômicos e relações de poder ?

Com o controle dos corpos das mulheres, com a sua exclusão do que era considerado socialmente reconhecido, vemos “a aparição da figura da dona de casa⁷ e da redefinição da família como lugar para a produção da força de trabalho” (p. 188). Obviamente que aquelas que se arriscavam em trabalhar fora de casa passavam a ser vistas como megeras, putas, dentre outras qualidades depreciativas, pois, mesmo a prostituição que havia sido incentivada na baixa idade média, passava agora a ser criminalizada, uma vez que não mais condizia com as condições materiais emergentes e sua moralidade, isto é: a formação de força de trabalho.

Segundo Federici, a desvalorização econômica e social a qual as mulheres estavam cada vez mais sendo submetidas enquanto violência moralmente sancionada era gritante, pois aquelas que andavam sem seus maridos podiam ser atacadas sexualmente, sem direito a reclamar, e pior, eram culpabilizadas pela violação que sofriam em seus corpos. Também foi neste período que o termo “fofoca” (*gossip*, na língua inglesa) passou a ser interpretado de forma pejorativa, pois, anteriormente, fofoca dizia respeito a uma reunião, a conversas entre

O *Malleus Malefactorum*, conhecido como a Bíblia da Inquisição, dedicou um capítulo inteiro, no qual afirmava que elas (parteiras) eram piores que quaisquer outras” (Federici, 2017, p. 328).

⁷ Carol Pateman (1988) diz corretamente que foi neste período que um – Contrato Sexual – foi forjado, em que se definiu as mulheres como mães, esposas, filhas ou viúvas, ocultando sua condição de trabalhadoras

grandes amigas. Com o clima de misoginia crescente, a palavra teve de ser modificada, atribuindo-se ao termo a conotação de conversas fúteis⁸, bestiais⁹, desprezíveis de serem consideradas, e, portanto, criminalizadas na Era da Razão que ascendia na Europa.

No capítulo 3, intitulado *O grande Calibã e a luta contra o corpo rebelde*, a autora mostra que o “disciplinamento do corpo” no desenvolvimento capitalista proposto por Michel Foucault – que também não é poupado de críticas – foi, para ela, uma tentativa de transformar as potencialidades dos indivíduos em força de trabalho. Ela afirma que, apesar de Foucault ignorar a caça às bruxas em sua *História da Sexualidade*, ele está correto ao sustentar que a degradação do corpo na filosofia mecanicista dessa época (a exemplo de Descartes, que chama o corpo de “esta máquina” em seu *Tratado do Homem*) buscava estabelecer a natureza temporal e ilusória dos prazeres terrenos e, conseqüentemente, a necessidade de renunciar ao próprio corpo (p. 252). Com base em Foucault, Federici destaca a crítica ao pensamento de filósofos como Bacon, que acabaram por fomentar a concepção de que o corpo pode ser “capturado em um sistema de sujeição” (Foucault apud Federici, 2017, p. 253), em que seu comportamento pode ser calculado, organizado, pensado tecnicamente e “investido de relações de poder” (Ibidem, loc. cit.).

Na Europa da Era da Razão (século XVII), a novidade foi o ataque ao corpo como fonte de todos os males. O corpo é composto, de um lado, pela razão (que representa o predomínio mais sensato das coisas), e, de outro, pelos instintos do corpo (fonte do pecado e das concupiscências da carne). Neste ponto, dois cânones da filosofia ganham relevância na crítica de Federici: Descartes, com seu projeto mecanicista do corpo, e Hobbes, com sua proposta de contrato social.

Tal análise do corpo é de extrema relevância, pois não somente qualifica os debates atuais sobre o corpo, mas nos demonstra o quanto o reconhecimento do corpo sempre esteve em disputa contra determinadas imposições sociais, econômicas e filosóficas que, não raro, tentam enquadrá-lo¹⁰ em perspectivas utilitárias e moralistas, sobretudo no que diz respeito à mulher. Neste caso, a autora alerta que o corpo estava sendo visto como algo ignóbil, em oposição à força de trabalho, que era vista como virtuosa e digna.

⁸ A megera Domada de Shakespeare retrata a bestialidade na qual as mulheres eram vistas neste período.

⁹ “Há uma constante identificação da sexualidade feminina com a bestialidade. Esse fato era sugerido pela copula com o deus-cabra (uma das representações do demônio), pelo infame beijo *sub cauda* e pela acusação de que as bruxas guardavam uma série de animais — “diabinhos” ou “familiares” — que as ajudavam nos seus crimes e com os quais mantinham uma relação particularmente íntima.” (p. 347).

¹⁰ Judith Butler é a filósofa que utiliza o termo “enquadramento”, como uma “cena” sempre em disputa. Quadros de Guerra(ano), Vidas Precárias(ano), Corpos em Assembleia(ano), são livros onde tal conceito é desenvolvido.

Quanto à figura do Calibã, filho da bruxa Sycorax, Federici o recupera como sendo o representante por excelência da resistência a este modo de vida que estava sendo imposto aos proletários, pois, “como Calibã, o proletariado personificava os ‘humores enfermos’ que se escondiam no corpo social, começando pelos monstros repugnantes da vagabundagem e do alcoolismo” (p. 282). Pensando justamente neste proletariado que estava sendo despossuído de si, Federici nos alerta a respeito de o quanto “raramente a história das bruxas é correlacionada com a história do proletariado” (Ibid., p. 290).

No capítulo 4, *A grande caça às bruxas*, ela explicita essa correlação supracitada. O fato de que a maioria das mulheres tidas como bruxas eram camponesas recém expropriadas de suas terras é um fator aberrante que Federici denuncia, pois a historiografia, mesmo a marxista, oculta esta página da história, ou mesmo releva a caça às bruxas como se fosse algo desprovido de importância, induzindo-nos a acreditar que o grande massacre ao qual as mulheres foram submetidas neste período foi algo não só muito distante, mas também folclórico, desprovido de uma razão de ser socialmente determinada e historicamente condicionada. Em resposta a isso, a autora resgata de maneira primorosa, o significado político da caça às bruxas – questão nevrálgica da obra. O ápice da caça às bruxas se dá entre os anos de 1580 e 1630, justamente na mesma época em que as relações feudais passam a diluir-se, dando lugar às relações econômicas e sociais tipicamente do capitalismo mercantil. Foi neste período que o terror foi implementado sobre a mente das pessoas, e principalmente dentre as pessoas mais pobres. Para isso, foi requerida uma vasta organização burocrática que funcionava como uma máquina de estímulo ao ódio, à desconfiança e à extrema misoginia entre as pessoas comuns.

Conforme podemos ler em *Calibã e a bruxa*, o clima de desconfiança foi implementado entre a população, de modo que vizinhos, pais e até mesmo filhos, passaram a denunciar suas mães, irmãs e vizinhas. Foi instaurado um verdadeiro clima de guerra e medo no imaginário popular da época. Como aponta Federici (p. 323), 80% dos casos de bruxaria eram contra as mulheres, de modo que, quando uma mulher ganhava a fama de ser “bruxa”, seu destino já estava traçado, afinal, a fogueira era seu caminho inevitável, pois só assim, nas chamas do fogo, sua alma não retornaria para atormentar os “cidadãos comuns”.

A questão é que o clima de desconfiança foi tamanho, que absurdos foram criados para criminalizar as mulheres, desde copular com o Diabo, como serem responsáveis pela impotência sexual do marido, a oferta de crianças aos demônios, a culpa pela morte dos animais de corte, além, é claro, dos clássicos exemplos de mulheres libertinas, adúlteras, aborteiras, prostitutas, velhas, lésbicas, dentre outras formas de ser que não condiziam com a disciplina de

vida que emergia doravante. As execuções eram feitas de forma pública. Mães eram queimadas na frente de seus filhos a fim de implementar o medo como afeto político dominante naquele período, de modo que, como aponta Federici “foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade” (p. 334).

Por fim, chegamos ao quinto capítulo do livro, intitulado *Colonização e cristianização: Calibã e as bruxas no novo mundo*, no qual a autora salienta:

Semelhanças no tratamento que receberam tanto as populações europeias como as da América são suficientes para demonstrar a existência de uma mesma lógica que rege o desenvolvimento do capitalismo e conforma o caráter estrutural das atrocidades perpetradas neste processo. A extensão da caça às bruxas às colônias americanas é um exemplo notável (p. 381).

Sob esmerada pesquisa histórica no debate historicamente acumulado, Federici mostra como a caça às bruxas “constituiu-se em uma estratégia deliberada, utilizada pelas autoridades com o objetivo de propagar terror, destruir resistências coletivas, silenciar comunidades inteiras e instigar o conflito entre seus membros” (p. 382). Por sua vez, o livro alerta para o fato de que o fenômeno não foi privilégio europeu. A caça às bruxas espalhou-se pela América, na chamada estratégia utilizada pelas autoridades com o objetivo de propagar terror, destruir resistências coletivas, silenciar comunidades inteiras e instigar o conflito entre seus membros. Com a vinda dos colonizadores, seja na América do Sul ou do Norte, práticas que antes eram comuns, como culto a diversos deuses, uso de ervas e plantas medicinais, rituais, danças, uniões poligâmicas, etc., passaram a ser criminalizadas e vistos como atos de “bruxaria”.

Enfim, avaliamos que sem a leitura deste livro, os estudiosos e estudiosas desavisados que se interessam pela temática da acumulação primitiva capitalista – assim como pela crítica da sociedade burguesa em geral – continuarão em desaviso. *Calibã e a bruxa* se trata de uma denúncia com robustez científica acerca de uma forma particular de exploração que atingiu as mulheres, desmistificando, no interior do processo de acumulação primitiva analisado por Marx, o contexto no qual essas mulheres foram vítimas não só das expropriações das terras, mas também de uma violenta colonização sobre os seus corpos, que lhes custou a vida. No seu resgate histórico da acumulação primitiva capitalista, Federici oferece uma análise inédita, correlacionando a história das bruxas com a do proletariado, visto que as mulheres tidas como bruxas eram camponesas recém expropriadas de suas terras, página ocultada da história. Assim, ela descortina a caça às bruxas como algo provido de importância histórica, contextura filosófica e significado político que não podem ser ignorados. Para a leitora e o leitor deste

primoroso livro, o grande massacre ao qual as mulheres foram submetidas deixa de ser algo distante e folclórico, lançando assim, as bases para algumas características dos feminismos de agora, a fim de que se afirmem, como outrora, na condição de desafiadores das estruturas de poder. Federici é enfática e conclusiva: “A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social.” (p. 334).

Em suma, nos cinco capítulos desta obra, Federici nos oferta uma leitura de aguçado teor crítico, sem fazer concessões as visões unilaterais ou aos clichês do proselitismo ideológico que pode porventura acometer toda e qualquer leitura de mundo (inclusive o feminismo). Muito pelo contrário, trata-se de uma obra feminista que convence pela sua erudição, pela sua esmerada e irreparável pesquisa histórica, juntamente com um invencível fôlego no tocante à argumentação filosófica. O valor político desta obra está assentado no seu rigor científico, capaz de desvelar diante da leitora e do leitor, a descoberta histórica de que as bruxas e os motivos pelos quais as mesmas foram sumariamente perseguidas, torturadas e queimadas, só podem ser realmente desmitificados sob aquela chave heurística herdada de Marx – apesar da crítica certa feita a este –, isto é: a compreensão das relações sociais situadas no modo de produção feudal, e como na esteira das transformações que aconteciam nesta sociedade rumo a um novo modo de produção, este processo levou à perseguição e ao genocídio daquelas mulheres que possuíam um modo de vida que não mais condizia com a realidade capitalista em ascensão.